

## CREPUSCULO

Desterro, 16 de Abril de 1888.

Nunca gloria maior transmitiu-se ao nosso coração, nunca alegria mais franca apoderou-se nossa alma como as que o dia de hoje, em que o nosso orgam completa o seu primeiro anniversario, nos assoberbam.

Não trilhamos uma estrada de flores é verdade, mas a espontaneidade intellectual do nosso trabalho, proveitoso sempre, chegou ao auge que aspirava.

Quando demos á publicidade o *Crepusculo*, ainda não comprehendiamos bem a utilidade que por ventura este orgam nos trouxesse, sim, porque pouco haviamos cultivado a nossa intelligencia.

Mas hoje que nós estamos a par de todas estas utilidades, e das nossas faculdades intellectuaes, não podemos pairar no meio da estrada, justamente quando mais impulsos vão adquerindo os nossos esforços e a nossa boa vontade.

O motivo legal que forçou-nos a crear o *Crepusculo*, é de magna importancia: propagar conhecimentos e ideas e defender o que é direito.

Pois bem; assim havemos desempenhar a tarefa que nos propuzemos.

## LOUQUINHA

Louquinha... tu tens uns risos  
Tremidos, frescos, alegres;  
São contos... são paraísos,  
Os teus risos,  
Tremidos, frescos, alegres.

Louquinha... tu tens uns beijos,  
Molhados, quentes, macios.  
São punhaes de maus desejos  
Os teus beijos  
Molhados, quentes, macios.

Louquinha... tu tens uns olhos,  
Onde naufrago em ardencias....  
São uns accesos e brolhos,  
Os teus olhos,  
Onde naufrago em ardencias.

Louquinha... tu tens uns seios,  
Ondados, voluptuosos...  
São cataratas de anceios  
Os teus seios  
Ondados, voluptuosos.

HUGO LEAL.

## LITTERATURA

### Uma pagina de George Sand

(TRADUÇÃO)

E no entretanto, a natureza é eternamente moça, bella e generosa, e eternamente derrama a poesia e o encanto sobre todos os seres e sobre todas as plantas.

Ella possui o segredo da felicidade, mas ainda ninguem soube descobri-lo.

O mais feliz dos homens seria aquelle que, possuindo a consciencia do seu trabalho e fazendo-o com as mãos e fazendo-o com o bem-estar e a sua lição

exercício da sua força intelligente, tivesse tempo de viver pelo coração e pelo cerebro, de comprehender a sua obra, comprehendendo a obra de Deus.

O artista encontra gosos assim na contemplação e na reproducção das bellezas da natureza; mas, ao mesmo tempo, vendo as agonias da humanidade que o cerca, sente-se perturbado e triste.

A felicidade estaria onde o espirito, o coração e os braços, trabalhando de harmonia sob as vistas da Providencia, estabelecessem um laço de amor entre a munificencia divina e os extasis da alma.

Então, em lugar da pávida morte, caminhando, de azorrague em punho, pelo sulco aberto pela charrua, o pintor collocaria ao lado do camponez laborioso um anjo sorridente a semear a plenas mãos o trigo abençoado no sulco fumegante.

O sonho de uma existencia doce, livre, poetica e simples para o homem do campo, não é tão difficil de se conceber,

para se considerar uma chimerica.

Virgilio disse:— « feliz o homem do campo se conhecesse a sua felicidade. »—E' um lamento; mas, como todos os lamentos, é tambem uma predicção.

Dia virá em que o lavrador será tambem um artista, senão para exprimir (o que pouco importará então) ao menos para sentir o bello.

E a mysteriosa intuição da poesia já não existirá n'elle em estado de instincto e de sonho

entre aquelles a quem uma quena abastança hoje protege, e entre aquelles em quem o excesso da desgraça não consegue suffocar o desenvolvimento moral e intellectual, a felicidade pura, sentida e apreciada, acha-se em estado elementar.

E depois, si do seio da dôr e da fadiga já se tem levantado vozes de poetas, qual o motivo porque se affirmará que o trabalho dos braços é exclusivo das funcções da alma?

Sem duvida essa exclusão é o resultado geral de um trabalho excessivo e de uma miseria profunda; mas não se dirá que quando o homem trabalhar moderado e utilmente não haverá mais que mãos obreiros e mãos poetas.

Aquelle que encontra nobres alegrias no sentimento da poesia é um verdadeiro poeta, embora nunca tenha escripto um unico verso em toda a sua vida.

As minhas idéas haviam tomado este curso, e eu não me appercebia que a minha confiança na educabilidade do homem rustico era fortificada em mim por influencia exteriores.

Eu caminhava pela raia de

um campo que alguns camponezes preparavam para a sementeira proxima. O terreno era vasto como o do quadro de Wolbein e rodeado de grandes tufos de verdura um pouco amarellecida pela aproximação do outomno.

Aqui e ali ainda se viam alguns fios d'agua, resultantes das ultimas chuvas, brilhando como filetes de prata aos raios vivos do sol.

O dia estava claro e quente, e o solo, de fresco aberto pelas charruas, exhalava ligeiro vapor.

Um pouco distante, um velho, que pelas largas espadoas e severa physionomia lembrava o velho de Wolbein, mas cujo vestuario não revelava a miseria, guiava gravemente o seu arado de fórma antiga tirado por dois bois tranquillos—verdadeiros patriarchas do campo—corpulentos, um pouco magros, de pontas grandes e torcidas. Dois velhos trabalhadores, que se tornaram magros pelo habito, e que, privados um do outro, recusam-se ao serviço com um novo companheiro e deixam-se morrer de pesar.

Quem não conhece o campo, julga fabula a amizade do boi pelo seu companheiro.

Esses que assim pensam que vão contemplar no fundo do curral um pobre animal magro, extenuado, batendo a cauda inquieta nos flancos descarnados, repellindo o alimento que lhe offerecem, com os olhos sempre voltados para a porta, escarvando com as patas o lugar vazio a seu lado, cheirando tristemente as corrêas que serviram ao companheiro e mugindo dolorosamente.

O boieiro dirá.

—E' uma parelha de bois perdida. O companheiro morreu e este não trabalhará mais. Era preciso engordal-o para abatel-o; mas o pobre não quer comer, e bem cedo morrerá de fome.

O lavrador trabalhava lentamente, em silencio, sem esforços inuteis; a docil parelha não

se apressava mais do que elle. Graças, porém, a um trabalho continuado sem distracções e a um exercicio de forças bem combinadas e bem sustentadas, o sulco era aberto tão rapidamente como o da outra charrua, guiada a curta distancia, por um mancebo e tirada por quatro bois menos robustos em um solo mais duro e pedregoso.

Na outra extremidade do campo, um homem no vigor da idade e de sympathica presença, conduzia um tiro de oito magnificos animaes castanhos, de cabeças curtas e altivas, olhos scintillantes e movimentos bruscos, revelando a irritação que ainda sentiam pela prisão das corrêas e pela ponta do latego e obedecendo com colera á dominação que lhes era imposta.

O homem que os governava tinha rotelar um espaço do desde longo tempo raizes seculares: era um atleta que devia ser não apenas pela sua mocidade, pela sua energia e pelos seus oito touros quasi selvagens.

Uma creança de seis para sete annos, formosa como um cherubim, com os hombros cobertos com uma pelle de ovelha, que o assimilhava a um pequeno S. João Baptista dos pintores da renascença, corria do sulco parallelo á charrua e picava os bois com uma vara comprida e leve, cuja ponta terminava em acerado aguilhão.

Os fogosos animaes retrahiam-se, tremendo, ao castigo que lhes infligia a mão pequena da creança, faziam estalar as ligaduras que os subjugavam e imprimiam á charrua movimentos violentos.

Quando um tronco mais enraizado e mais preso ao solo impedia a livre passagem da relha, o lavrador gritava, chamava cada boi pelo seu nome, mais para acalmal-os do que para excital-os, por isso que os animaes, irritados pela brusca resistencia, escarvavam a terra, bufavam raivosos e despedaçariam tudo, si, com a voz e o

aguilhão, o campo não mantivesse os quatro primeiros, enquanto a creança procurava conter os quatro ultimos, gritando com uma vozinha que em vão queria tornar terrivel, mas que permanecia doce como o seu rosto angelico.

N.

(Continúa)

## NOTICIARIO

### O nosso anniversario

Com quanto não tivessemos trilhado uma estrada alcatifada de flores e luminoza e com quanto as nossas forças intellectuaes não tenham vantajosos impulsos, chegámos apezar de todos estes obstaculos, a ver o nosso organo completar o seu primeiro anniversario.

Todavia não esmoreceremos, não havemos mais trilhar uma estrada espinhosa, cheia de abrólhos, a fim de não cahirmos no chão da fraqueza, ensanguentados pela mão da descrença: não, mil vezes não; haveremos desempenhar d'aquí em diante a nossa tarefa satisfatoriamente.

Nada temos a temer. Se cahirmos no erro havemos-nos levantar; porque não ha ninguém n'este mundo que ainda não tivesse errado: o erro é proprio da humanidade.

Oxalá as nossas forças fossem portentosas: então teriamos o nosso programma muito mais desenvolvido, muito mais amplo, haveriamos com as nossas azas mais crescidas um pouco, voar ao infenito, se possivel fosse, tornar-nos-hiamos grandes e o nosso desenvolvimento intellectual tomar-se-hia admiravel.

Mas não tenhamos pressa, não tenhamos não; porque a santa e grandiosa Mão do Destino ha de nos servir de guia aos páramos da—Luz.

Não pensem aquelles, que possuidos d'um despeito sem valor e fraco que nós, posto que pequenos é verdade, mas cuidadosos em nossas obrigações, respeitadores aos que se

prezam e tem limpo a sua consciencia; tombaremos na estrada do desprezo; assim e o m o tomba um ebrio nas calçadas d'uma rua, não pensem; porque é de balde os seus pensares.

A tarefa que nos propuzémos o desempenhar é muito nobre e bastante honrosa e portanto cumpre-nos saber dal-a o devido merito: não offendendo a outrem sem motivos, não nos occupar da vida alheia e sim defender os nossos direitos; pois que para esse fim é que demos a luz da publicidade este organ que tem sabido manter-se na ordem das cousas e que manifestou-se tantas vezes a favor da ideia da abolição.

Após portanto termos encontrado numerosas e immensas barreiras na nossa estrada de luz e após outros tantos estorvos, tivemos hoje a gloria, a alegria de vermos o nosso CREPUSCULO, completar um anno de existencia na orbita do jornalismo desterrense.

Duas cousas precisamos para podermos proseguir: a coadjuvação dos n o s s o s amáveis e honrados assignantes e o bom acolhimento na classe social.

Finalmente nada mais podemos dizer; porque o entusiasmo que possuímos é tão amplo que nem sabemos mais o que dizer, a não ser brincar o nosso anniversario, dar vivas a imprensa desterrense e ao immortal Guttemberg, esse pharol poderoso que expandio a sua luz brilhante por todo o universo.

Prosequiremos.

#### Emilio Blum

Completo no dia 11 do corrente, 27 annos de idade, o respeitavel e criterioso negociante Emilio Blum, um dos moços mais nobres e d e l i c a d o s que tem sabido honrar a nossa alta sociedade.

Por esse motivo tão grandioso, que o nosso illustre assignante não pode deixar de admirar, enviamos-lhe c o m prazer as nossas humildes felicitações e parabens a sua sincera e Exma. familia.

#### Logogriphos

Foi-nos entregue pelo nosso estimado e particular a m i g o Francolino Cameu, uns quantos logogriphos, que da Côrte por seu intermedio nos enviaram as illustradas e respeitaveis escriptoras, as E x m a s. Sras. Alice de Alencar, Leopoldina de Miranda e Olympia de S a m p a i o, collaboradoras do DIARIO DE NOTICIAS e CIDADE DO RIO, da Côrte.

Um destes logogriphos já foi publicado no n o s s o numero passado e os outros iremos publicando.

Chamamos pois a preciosa attenção dos nossos amáveis leitores não só para o do numero passado; como tambem para o de hoje, pedindo-lhes o especial obsequio de enviar-nos as decifrações dos ditos logogriphos ao nosso escriptorio á Rua de João Pinto n. 43.

Muito respeitosa e portanto, agradece-mos as illustres escriptoras pela amabilidade que tiveram em nos enviar tão apreciaveis produções e desde já aproveitamos o enejo para lhes offerecer o nosso modesto organ, esperando que nos continuem a ajudar com suas notaveis collaborações; pois que ellas, sem duvida alguma, nos dão muita honra.

#### Passamento

Falleceo no dia 7 do corrente, o illustre negociante e conceituado cidadão Dimingos Lydio do Livramento, excellente pai de familia e pessoa muito bondosa.

Sentimos deveras a p e r d a desse nosso conterraneo e sobre o seo tumulto nos curvamos pesarosos a implorar a Deus um bom repouso a essa alma tão boa.

A' sua Exma. familia enviamos as nossas lacrimosas expressões de sentimento.

#### Theatro

(CONTOS DISCRITIVOS)

Sabbado 7 do corrente, a companhia dramatica Cardoso da Motta, eminente actor, realisou o seo primeiro espectáculo, levando a scena o optimo Drama—DALILA, que segundo nos informam foi muito bem desempenhado.

Domingo 8, a notavel companhia effectuou o seu 2º espectáculo, sendo representado o admiravel drama que se intitula—A MORGADINHA DE VAL FLOR.

Não obstante ao máo tempo a concurrencia não esteve desanimada.

O illustre actor Cardoso da Motta desempenhou admiravelmente, sendo muito applaudido, o papel de Luiz Fernandes, pintor.

Fez o papel de MORGADINHA, a sympathica e conhecida actriz D. Luiza Leonardo.

No palco Luiza Leonardo tornava-se bella, dir-se-hia que a imagem encantadora d'esta gentil mulher era um anjo ou uma meiga COQUETTE.

Tem ella uma falla sonora e segundo n o s dizem, quando canta tem uma voz magnifica.

Ha uma candura e um doce que de aurora em Luiza Leonardo que aformoseam-na de um modo tal, que basta apenas a gente vel-a para acreditar isto.

O andar airoso e modesto, a sua bella estatura, a sua TOILETTE deslumbrante, a magnifica serenidade da fronte e a luz suavissima e pura do seo olhar rasgado e fascinante, tudo isto se reune n'uma perfeita e casta harmonia.

Não sabemos mais c o m o admirar Luiza Leonardo, pois que é uma das actrizes mais elegantes que o nosso Santa Izabel tem apresentado.

A D. Delphica de Araujo, esmerou-se perfeitamente no papel que lhe fôra coniado, sendo chamada uma vez á scena pelos espectadores da platéa.

E a.... LA MANOLA ? !  
Ah ! a MANOLA sim é que cahio no goto da rapasiada.

Que cantora magnifica, a D. Raphaela Monteiro !

Quando a ouvimos ficámos completamente sorprendidos.

Quinta-feira 12, o 3º espectáculo que realisou a companhia, foi leyado á scena o escolhido e moralissimo drama em 1 prologo e 4 actos, intitulado, O FILHO DA DOUDA, que melhor do que foi representado, melhor do que Cardoso da Motta desempenhou o papel de Francisco, o montanhez, talvez que não mais teremos a occasião de ver.

Terminou o espectáculo, com a espirituosissima scena — comica—O SACHRISTÃO POLITICO— que foi desempenhada pelo apreciavel e distincto actor Phebo.

Sobre os espectaculos de sabado e domingo, apenas poderemos dizer alguma cousa no nosso proximo numero.

### Ildefonso Linhares

Acha-se enfermo, o Illm.º Sr. Ildefonso Marques Linhares, pessoa de character elevado e de excellente criterio.

Almejamos de coração, que Deus entregue o restabelecimento a este tão nobre cidadão, que tanto tem sabido honrar a sociedade a que pertence.

### CHARADA

(EM LOSANGO)

#### AOS CATHARINENSES

**D**ou na prima consoante,  
**E** na segunda, doçura;  
**T**e terceira é nome bello,  
**N**em a moça.... formosura.

**R**ese a quarta é flor mimosa,  
**E**inando em bello jardim,  
**R**ecordo vogal na quinta  
**O**nde dou tudo por fim.

Côrte, 20—12—87.

LEOPOLDINA DE MIRANDA.

## ROMANCE

# IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES

SEGUNDA PARTE

### CAPITULO II

—Pode matar. Pode matar porque não será este o primeiro crime que o Sr. commette ! Sim; porque seu pae foi assassinado pelo Sr. na noite de 25 de Maio de 1850 !

Sua mãe foi envenenada pelo Sr. n'esta mesma noite só e unicamente com o horrivel fim de perder sua irmã Margarida o que fez na manhã do dia 26 do mesmo mez.

Quatro crimes ainda mais horrorosos o Sr. commetteu. Rita sua afilhada, de 15 annos de idade, depois de o Sr. á perder matou-a.

Magdalena de Castro foi apunhalada em seu proprio leito pelo Sr., para deshonestar-lhe a filha Lucinda, e Guilherme de Castro, pae de Lucinda foi tambem assassinado pelo Sr. ! Provavelmente ha de estar esquecido não é assim ? Conhece este punhal ? ! Sabe de quem é este sangue ?

E' o sangue de seu pae, é o sangue de Magdalena, é o sangue de Guilherme de Castro !

— Mulher ! mulher infame ! disse Rogerio, tirando um punhal, nem mais uma palavra senão !...

— Sim; tornou Rosalina, nem mais uma palavra, porque não quer que eu relembre-lhe os crimes que tem commettido e os que quer commetter, querendo assassinar-me e depois assassinar Alfredo, já que lhe roubou a honra ;

Estou a par de toda a sua vida Sr. Rogerio. Sei dos seus menores passos, sei dos hediondos planos que tem formado com sua concubina Ibrantina. Sei que e ainda hoje formaram o projecto de assassinar-me e depois fugirem para o estrangeiro. Mas todos os seus planos Sr. Rogerio serão frustrados, porque dentro em poucos momentos esta casa será cercada, e o Sr. será preso como falsificador, como ladrão, como assassino !

Alfredo já está a par de tudo. Ibrantina já está presa e agora a vingança dos Oliveiras será tremenda !

— Sim, a vingança dos miseraveis será tremenda, disse Rogario tremulo de raiva; mas, a minha será maior porque vaes morrer ! A tua morte será horrivel, ainda mais horrivel do que a de minha mãe, porque esta morreu envenenada e tu morrerás sob os golpes de meu punhal !

— Matar-me ? ! Não me acobarda a sua ameaça, porque antes d'esse punhal atravessar-me o seio, uma bala d'este revolver lhe atravessará o craneo !

Ande Sr. não trema ante um revolver empunhado pela mulher ultrajada !

Rosalina ainda com o revolver apontado ao rosto de Rogerio continuou:

— Que mal lhe tenho feito para o Sr. querer envenenar-me ? Que mal lhe fez Alfredo para o Sr. manchar-lhe a honra e depois querer matar-o ?

A sua vida Sr. Rogerio tem sido de crimes, de libertinagens; mas felizmente em breve eu terei o gosto de vel-o de mãos algemadas e carregado de ferros no fundo de uma masmorra, para expiar ahí todos os seus crimes.

Fique certo Sr. Rogerio de Muret que a esposa ultrajada já o denunciou a policia e que o marido deshonesto entregou a esposa adúltera ás mãos da policia.

Agora, Sr. Rogerio, não quero por mais tempo prolongar esta scena, porque são cinco horas e a policia não tarda a chegar. Vou recolher-me aos meus aposentos e o Sr. pode ficar ou fugir. Boa noite.

— Um momento Sra. ! disse Rogerio tomando-lhe a passagem.

— Arrede-se Sr. ! redarguiu Rosalina levando-lhe o revolver ao rosto.

(Continúa)